

PODCAST

TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



Episódio 01 - Caxias Território

Samara Costa: Território não é só um lugar. Não cabe no mapa e nem termina na esquina. Território é aquilo que fica na gente mesmo quando a gente vai. Território Vivo nasce pra escutar esses lugares. Não como cenário, mas para conectar fazeres artísticos. Porque a arte não começa no palco, nem no museu, ou quando alguém autoriza.

Ela começa antes. No quintal, na rua, na palma da mão do samba. Naquilo que ninguém chamou de arte, mas já era.

<<< som de pessoas comemorando no samba >>

Território Vivo é sobre artistas e gestores que não começaram do zero. O ponto de partida veio de algum lugar. E esse lugar... fala. E se você escutar com atenção, vai perceber: antes de qualquer corre, existe sempre um território.

>>>> som de porta de van fechando <<<<

Samara Costa: Chegamos em Duque de Caxias! E falar daqui nem sempre é falar do que existe. Muitas vezes, é falar do que não aparece. A Baixada Fluminense, onde a cidade está, por muito tempo foi retratada a partir de um único recorte: violência, falta e ausência.

Mas esse não é o único jeito de contar esse território.

Uma das [cidades] mais populosas do estado do Rio de Janeiro, com mais de 900 mil habitantes, localizada na Baixada Fluminense, Duque de Caxias, ou Caxias, para os mais íntimos, parte de uma região metropolitana que se conecta diretamente com a capital.

É uma cidade que funciona em ritmo próprio. Com bairros grandes, dinâmicas diferentes entre si e uma organização que mistura áreas industriais, comerciais e residenciais. Existe uma produção cultural intensa acontecendo aqui há décadas em quatro áreas: teatro, dança, música e audiovisual. Gente criando de forma independente do retorno, mesmo quando isso não ganha visibilidade merecida. Aquele corre de artista independente, sabe?

Em Caxias, a circulação e criação não dependem só de edital, de palco estruturado ou de programação oficial. Ela acontece onde for possível. Claro, sem romantizar a precariedade. Durante muito tempo, a cidade não teve espaços culturais suficientes pra dar conta da própria produção. E isso não parou a arte. Fez com que ela se espalhasse por salões, igrejas, escolas, ruas. Qualquer lugar podia virar espaço de criação.

Essa lógica de ocupação acabou moldando uma característica importante do território: Aqui, a arte



não nasce pronta. Ela se constrói no processo. E talvez seja isso que define esse território: Não é a falta de produção. É o excesso de criação que nem sempre é visto ou descoberto.

Leo Fazolla: Eu sou um homem branco, de 1,70 m de altura, tenho 37 anos, tenho cabelos castanhos, um pouco ondulados, curtos, tenho olhos verdes, tenho uma barba um pouquinho cheia, grisalha, com fios brancos em partes específicas, ela não é homogênea... Tenho um piercing de bastão na orelha direita Uma argola na orelha esquerda. E uma outra argola também com dois brinquedos pendurados na cor prata.

Samara Costa: Falar de teatro em Duque de Caxias e não citar a Companhia Cerne é quase impossível. O grupo coleciona prêmios e indicações de peso, incluindo o Prêmio Shell 2024 de Dramaturgia. Pra quem não sabe o PRÊMIO SHELL, dentro do teatro, tem status de "Oscar. Daí ele premia produtores, diretores, atores e figurinistas do teatro.

A voz que você ouviu agora é do Leandro Fazolla, um dos fundadores dessa companhia que já está há mais de uma década fazendo arte e história. E olha que curioso: a Companhia Cerne não nasceu de uma ideia mirabolante ou de um edital... nasceu de um jeito meio improvável.

Leo Fazolla: Na verdade, a companhia se funda a partir de um grupo de jovens que se conheceu numa igreja e fazia teatro na igreja, e tinha um grupo de teatro na igreja. O grupo começou a circular muito, começou a percorrer festivais e tal. E em determinado momento a gente entendeu que o que a gente queria, o que a gente almejava, pelo fato de a gente ser um grupo da igreja, uma pastoral da igreja, isso trazia algumas limitações, que a gente não podia ter a liberdade artística total que a gente queria.

Samara Costa: Alguns espaços aparecem com frequência quando artistas contam como tudo começou. A escola é um deles, e a igreja também. Isso não acontece por acaso. Hoje, mais de 84% da população brasileira se identifica como cristã, segundo o IBGE. E esse número cresce ainda mais nas periferias, como na Baixada. Em territórios onde historicamente faltaram equipamentos culturais, esses espaços acabam assumindo papéis para além da evangelização.

É ali que, muitas vezes, acontece o primeiro encontro com a arte: o primeiro palco, a primeira plateia, e até o primeiro friozinho na barriga. Foi assim com o Cesário. Antes de qualquer plateia, foi dentro da igreja que ele subiu ao palco pela primeira vez. Mas essa história... fica pro próximo episódio. Mas nem toda relação com a arte começa em grupo. Antes da cena, existe um momento mais solitário.

>>>> som de giz de cera rabiscando uma folha <<<<

Uma folha e um gesto que se repete: desenhar. Com o Léo, foi assim.

Leo Fazolla: Na verdade, eu não necessariamente almejei a profissão teatro. Assim, desde criança, eu sempre fui ligado às artes, desenhava muito. Como uma criança viada que eu era, sem entender que eu era, eu não ia jogar bola com os meninos, eu não conseguia entender brincar com os meninos, não fazia parte. Então eu sempre cresci dentro de casa desenhando, lendo, sabe?

Samara Costa: Enquanto muitos espaços fechavam as portas pra aquele menino, o desenho abria um mundo inteiro. Ali, tudo cabia. Tudo era possível. O Leo ainda guarda alguns desses registros. Rascunhos, traços, ideias que nunca foram embora de verdade. Quando ele me mostra, é quase



como folhear um pedaço da infância. E tem de tudo: personagens de desenhos animados, animes, quadrinhos... referências que, no fundo, ajudaram ele a se desenhar também.

Leo Fazolla: Eu fui alfabetizado com Maurício de Sousa, como a da Mônica, sabe? Adorava, ia e relia várias vezes. Não tinha dinheiro pra comprar um novo, eu ia ler as revistinhas velhas, sabe, trocava, enfim.

Samara Costa: A forma como Leo encontrou a arte diz muito sobre o território. Porque, em muitos casos, o primeiro contato com a arte não vem estruturado. Ele é construído, aos poucos.

>>>> sinal de escola tocando <<<

>>>> vozes de crianças brincando >>

Se em casa a arte aparece como refúgio, é na escola que ela começa a ganhar direção. E, em Caxias, esse papel não é pequeno. Ele é decisivo.

Leo Fazolla: E aí quando veio o Ensino Fundamental, eu tive a sorte, sorte mesmo, de estudar numa escola pública que tinha arte como uma das premissas, sabe? Comecei a fazer teatro e fazer dança no Colégio Estadual de São João de Meriti, com os projetos da professora Regina Loureiro. Eu acho muito importante nomear, que é uma pessoa fundamental na Baixada Fluminense.

Samara Costa: A experiência artística não vinha de casa. E isso não é uma exceção na história do Léo. É quase regra pra muitos artistas da Baixada. O teatro, os espaços culturais... tudo isso, pra grande parte das pessoas, não faz parte da rotina desde cedo. Não é algo dado. É algo que precisa acontecer. Quase sempre por acaso, ou por insistência.

Leo Fazolla: Minha mãe foi no teatro pela primeira vez levada por mim para me assistir. Eu não fui uma criança que os pais levam ao teatro, e acho que pouquíssimas crianças da Baixada têm isso. Sabe, às vezes a gente fala que, "ah, os teatros da Baixada, eles ficam vazios". Claro, claro, tem que ser feito um trabalho de base, que seja dos gestores de teatro de tentar fazer uma formação de plateia.

Samara Costa: Se a escola e a igreja aparecem como ponto de partida, seguir na arte depois disso já não é tão direto. Porque quase ninguém que é pobre cresce pensando: "vou viver de arte". Na prática, outras urgências entram na frente. Dinheiro, estabilidade, sobrevivência mesmo. E a arte? Muitas vezes precisa disputar espaço e provar, o tempo todo, que também pode ser caminho.

Leo Fazolla: Se você passar fome, eu que tô prestando pra química, eu que tô prestando pra engenharia, eu que tô prestando, eu vou, não vou te deixar desamparado. Então como querer ser artista num cenário desse? E aí eu tava, não, vou fazer direito, vou fazer jornalismo. Na hora final das inscrições, eu me inscrevi para pintura na UFRJ, para a história da arte na UERJ e para a literatura na UFF. Passei nas três, e aí, tipo, a minha questão era, o que eu faço?

Samara Costa: A escolha da universidade, no caso do Léo, não foi exatamente livre. Foi o que dava pra fazer e sustentar naquele momento. E isso não é raro. Eu mesma me reconheço aí. Antes de me formar como atriz cursei e me formei como jornalista. Tem uma hora em que a vocação artística deixa de ser só sonho e vira dúvida: será que dá mesmo pra investir nisso?



Porque, quando você vem de um lugar onde o acesso à arte não é garantido, as escolhas passam primeiro pelo que sustenta. Não dava pra depender da família, estudar o dia inteiro, bancar transporte, alimentação... simplesmente não era uma opção.

Foi nesse cenário que ele escolheu história da arte. Não como plano ideal, mas como caminho viável. Só que o teatro... já estava acontecendo. Nunca foi um projeto organizado, com etapas e metas. Era mais como uma força paralela, insistente, que não parava. E, no meio da faculdade, ele já estava envolvido na fundação do que viria a ser um dos capítulos mais importantes da vida dele no teatro. Talvez o maior de todos: o Instituto Cerne.

Leo Fazolla: A gente fundou a escola há cerca de dois anos, acho que em agosto de 2023, né? Um pouquinho mais de dois anos agora, e tem alunos que desde a primeira turma até agora participam de todas as nossas atividades. Então tem uma galera que já vai se apropriando do espaço. O espaço da nossa sede é o espaço onde a companhia ensaia, onde a companhia faz suas reuniões. Mas vai se tornando um pouco a casa dos alunos, vários alunos falam, "nossa casinha, nossa casinha", às vezes a gente até brinca, fala assim: "A gente vai embora, deixa a gente descansar! Acabaram as aulas e vocês ficam batendo papo aí na área externa, a gente quer trancar o espaço. Vai embora, pelo amor de Deus!"

Samara Costa: A Companhia Cerne já está há mais de uma década na Baixada Fluminense movimentando. Com um pé forte em São João de Meriti, mas um alcance que atravessa a região inteira. E esse trabalho não ficou parado no tempo, não. Ele foi se expandindo, mudando de forma.

Em 2020, nasce o Instituto Cultural Cerne, uma organização sem fins lucrativos que amplia esse movimento, fortalecendo a formação e a produção artística na Baixada. E aí, em 2023, vem mais um grande passo: a criação da Escola Popular de Teatro da Baixada Fluminense.

Com apoio da FIRJAN Sesi, a escola nasce em São João de Meriti. Mas seria simplificar demais dizer que ela fica só ali. Porque o impacto se espalha. Atinge direta e indiretamente toda a Baixada... inclusive Caxias.

Leo Fazolla: A galera da Companhia de Arte Popular de Duque de Caxias ensaia aqui. Então, vai se tornando, e é o que a gente queria mesmo, sabe? Eu acho que não faz sentido a gente conquistar coisas e essas coisas não serem coletivas, eu acho que de certa forma, sabe? Eu acho que a gente já passou tanto perrengue, falta de espaço para ensaiar, que eu acho que é muito bonito, é muito bom a gente saber que a gente consegue hoje ter um espaço que consegue também ajudar que outras pessoas não passem tantos perrengues.

Samara Costa: Desde a inauguração, a escola já colocou muita gente em movimento: cursos de produção, direção, dramaturgia, interpretação... pra adulto, criança, adolescente. Todo um ecossistema inteiro sendo criado ali.

E isso não fica só na formação. Vai direto pra cena. Pro profissional. Até a gravação desse podcast, o trabalho mais recente da companhia é Maldita, uma comédia musical que faz um remix ousado de tragédias clássicas como *Édipo Rei*, *Édipo em Colono*, *Sete Contra Tebas* e *Antígona*. [efeito de voz gravada] Que espetáculo divertido, gente! Fica atenta à rede social da Companhia Cerne para acompanhar as próximas apresentações: @institutoculturalcerne.

Eu assisti na FIRJAN Sesi Caxias. É muito nítido ver, em cena, tudo que o Léo fala sobre trabalho e



consistência. Não é discurso, é prática. E tem uma camada a mais que pega: ver amigos no palco, reconhecer trajetórias, e ao mesmo tempo descobrir outros atores, outras presenças. Hoje, o Instituto Cultural Cerne já soma prêmios e indicações, mas talvez o mais importante não seja nem o prêmio. É o que eles estão construindo com tempo, com insistência... e com muita gente junto.

Leo Fazolla: E aí uma aluna que tava numa festa no meio da praça, a gente fez parte da programação da Parada LGBTQAPN +, em Minas, em Teófilo Ottoni. E ela falou: “Eu estou vivendo a melhor fase da minha vida. Aos 61, 62 anos. Então, assim, mais importante do que quem são os autores, mais importante de quais são os nomes, mais importante do que a gente ensina, eu acho que é tentar criar um espaço de afetividade, é tentar criar um espaço de segurança, é tentar criar um lugar onde as pessoas saibam que elas vão ser abraçadas. E, ao mesmo tempo, que existe, sim, uma possibilidade de profissão nesse circuito, nesse sistema que a gente sabe que é difícil pra caramba mesmo.

Lucas Finonho: Eu sou um homem baixo, preto, cabelo cacheado, um black, pequeno. Estou vestindo uma camisa em que está escrito “Terra de Mulher Bonita”, que é uma frase que estava presente ali na entrada de Caixas, uma calça branca e um tênis branco. Meus olhos são puxados, e é isso. Sou bonito também.

Samara Costa: Esse é o Lucas Finonho. Ele se define como um artista multilinguagem, e não é só um rótulo bonito. É prática mesmo. Nascido em Caxias, ele usa as próprias vivências pra criar obras que transitam entre o delicado e o bruto. Tem suavidade, mas também tem pedra, tem brita, tem atrito.

E talvez aí já apareça uma diferença importante em relação ao Léo. O processo do Lucas não começa necessariamente no que ele vê fora. Começa no que atravessa por dentro. Sensação, memória, experiências. É quase como se a obra fosse uma extensão emocional antes de ser uma construção estética. Mas isso não significa isolamento.

Porque essas experiências também são alimentadas pelo outro. Pelas histórias que ele escuta nos encontros do dia a dia. Não em espaços formais, mas em lugares comuns, como numa mesa de bar, por exemplo. Numa conversa qualquer, num momento despretensioso que vira matéria-prima.

Lucas Finonho: Então, quando eu vou para uma imagem desse artista visual que pinta, que performa, que fotografa, eu pego essas histórias, que são muito amplas, e tento sintetizar ao máximo para um gesto, para um olhar, para uma pose mesmo ali, que tente exemplificar isso, e também deixando aberto para gerar novas percepções, novos gatilhos mesmo.

Quando fala sobre retorno, o Lucas não pensa primeiro em reconhecimento público. Ele fala de algo mais próximo. Mais cotidiano.

Lucas Finonho: Eu acho que essa é a minha maior realização, assim, esse retorno que ele é contínuo, né? Eu vou me surpreendendo a cada dia da minha vida mesmo, assim. Eu sempre tive esse enfoque na minha família, né? Eu acho que a maioria das pessoas pretas com o seu trabalho tem a demanda de ter esse retorno de agradecimento.

Samara Costa: Na trajetória do Lucas, a arte não aparece separada da vida porque ela vem grudada na história da família. Quando ele conta de onde vem, tem um eixo muito claro: são as mulheres que sustentam tudo. E isso não fica só no discurso.



Esse reconhecimento aparece na pesquisa e nas imagens que ele constrói. É como se cada obra carregasse esse legado.

Lucas Finonho: A minha família, eu posso falar que é um patriarcado, mas quem faz a coisa se mover ali são as mulheres. E sempre foram a minha inspiração, o exemplo do que é certo. Então o patriarcado sempre esteve errado e as mulheres sempre sustentaram isso em todas as questões possíveis. Tanto sociais, espirituais, sociais mesmo, como cidadãs exemplares, sabe? Então, por isso que a minha pesquisa está muito ligada a minha avó, a minha tia, a minha prima, a minha mãe, que foram mulheres violentadas ao longo da vida inteira.

Samara Costa: Um dos momentos mais marcantes da trajetória do Lucas aconteceu depois da sua primeira exposição individual no MAR, o Museu de Arte do Rio. Na abertura, ele conduziu uma visita guiada, apresentando as obras e falando sobre as histórias que atravessam o seu trabalho, principalmente as das mulheres da sua família.

Entre o público, estava a avó do Lucas. Em algum nível, ela se reconheceu ali, mesmo sem entender tudo de imediato. Dias depois, conversando com a filha, ela tentou organizar o que tinha visto. Dizia que não tinha sido violentada... porque, na referência dela, violência era só aquilo que deixa marca no corpo.

Mas foi nessa conversa que outras camadas começaram a aparecer. Violências mais silenciosas, mais sutis, aquelas que não gritam, mas atravessam uma vida inteira.

E, pela primeira vez, ela conseguiu olhar pra própria história por outro ângulo. Nomear o que antes não tinha nome.

Lucas Finonho: E o que fez isso foi tinta e tecido, sabe? Então é aí que eu tenho dimensão de que a arte existe, que ela é pedagógica, que ela não só expressa, mas ela educa, sabe? Que ela liberta, principalmente.

Samara Costa: Além das exposições, esse retorno também começa a aparecer em outros lugares. O Lucas conta que um professor da rede pública de Duque de Caxias mandou pra ele fotos de uma feira escolar. E, no meio dos stands, tinha um dedicado ao trabalho dele.

Tinha tudo: imagens impressas, uma pequena biografia... até um tablet exibindo as obras. Entre tantas referências possíveis, um estudante escolheu falar sobre ele. Levou o trabalho pra dentro da escola, organizou, apresentou e compartilhou. E isso diz bastante coisa.

Porque não é só sobre reconhecimento. É identificação, também. Sobre alguém olhar e pensar: "isso aqui também pode ser um caminho possível pra mim".

Lucas Finonho: E aquilo me fez chorar assim loucamente, sabe, como que uma escola um aluno. Quando pesquisa lá no Google, no ChatGPT, ele me encontra e se dedica ali, sabe? A levar isso para a sala de aula. E é isso, tinha várias pessoas para ele se inspirar, e ele me escolheu.

Samara Costa: Quando olha pra própria trajetória, o Lucas identifica que a relação com a arte começou muito cedo. Antes de qualquer formação, já existia uma prática. Dentro de casa, ele desenhava, montava coisas e criava objetos. Usava o que tinha disponível: papel, caixa, palito... Não era uma atividade orientada. Nem pensada como profissão. Era algo que fazia parte da rotina.



Lucas Finonho: Desde pequeno mesmo eu sempre tive esse olhar para a arte, seja no Natal, que eu queria decorar a casa toda, e, mesmo sem ter dinheiro, eu pesquisava formas de... Eu sempre tive esse olhar estético para a visualidade. Então, eu queria fazer um floco de neve, como é que eu posso fazer isso? Então, fazia de palito de picolé, começava a guardar caixa de leite ou rolinho de papel higiênico, sabe? Eu fazia aquilo para decorar a sala e a minha família... Tipo, "Nossa, que bonito!" Mas nunca foi uma demanda, sabe?

Samara Costa: Ao mesmo tempo, as referências vinham de espaços próximos. Um tio que trabalhava com carnaval e até mesmo a igreja. Esse ponto não aparece só na trajetória do Lucas. No início do episódio, o Leandro também fala desse primeiro contato com a arte a partir da igreja. Para Lucas, o lugar ecumênico ofereceu contato com diferentes linguagens: teatro, dança, música e também criação visual.

Com o tempo, ele começou a observar mais de perto como as coisas eram feitas e a participar ativamente dessas produções. Ainda adolescente, já assumia responsabilidades dentro desse processo.

Lucas Finonho: Eu dancei na Igreja, fiz teatro na Igreja, cheguei a cantar, até eu chegar na decoração, que era algo muito forte na minha Igreja mesmo, que a gente investia. E eu, com 12 anos mais ou menos, eu estava ali liderando isso da igreja toda, a cantata de Natal que reunia todos, e contratando gente, mexendo com dinheiro para aplicar aqui, para aplicar ali, de tudo que precisava. E aquelas pessoas viam o meu potencial e realmente confiavam na minha responsabilidade com aquela demanda. São pessoas loucas, né? Eu fico pensando assim, uma pessoa tão nova, com tantas responsabilidades, mas eu acho que isso que me construiu muito como artista e também como líder, assim, sabe?

Samara Costa: Quando eu pergunto sobre os lugares que a arte dele já alcançou, ele não precisa pensar muito. A resposta vem rápida, direta. Como quem sabe exatamente onde algo mudou de escala.

Lucas Finonho: É muito clara essa resposta, é muito óbvia, é muito direta, que é o Museu de Arte do Rio, que é o museu mais importante do Rio de Janeiro, falando de arte, um acervo grande de arte racializada e principalmente contemporânea, no geral, que tem um reconhecimento mundial, internacional.

Samara Costa: O Museu de Arte do Rio aparece como um ponto de virada. Não só pelo reconhecimento, mas pelo que esse espaço representa dentro do circuito artístico. Antes de chegar ali, esse tipo de acesso não era evidente. Não tinha referência próxima, nem um caminho claro de como entrar. Muito menos de como transformar arte em profissão. E o começo não foi glamoroso. Foi prático.

Ele foi até o museu, buscou informação, se cadastrou e entrou por onde dava. Trabalhando em funções básicas: recepção, orientação de público, operação de espaço. Só que é aí que a coisa começa a mudar. Porque, a partir disso, ele constrói outro tipo de acesso. Começa a circular pelos setores, observar, fazer perguntas, entender como tudo funciona por dentro. Não é só estar no espaço. É aprender a ler o sistema.

Lucas Finonho: Quantas vezes no meu horário do almoço eu não comia para ir caminhando pelos setores do museu e perguntando coisas. Então passava pelo educativo, passava pela museologia, porque eu queria aprender sobre aquilo.



Samara Costa: Com o tempo, esse acúmulo de experiência, observação e insistência desemboca em algo muito concreto: a primeira exposição individual justamente ali, no Museu de Arte do Rio. É um marco grande. Daqueles que, olhando de fora, parecem ponto de chegada. Mas não foi bem assim que Lucas sentiu. Depois disso, veio um outro movimento. Mais silencioso. Uma espécie de esvaziamento.

Lucas Finonho: E quando eu conquistei isso, um sonho inimaginável para a minha realidade, acabaram os meus sonhos. Eu não sabia o que fazer mais. Para mim, realmente, eu zerei o game e a vida perdeu um pouco do sentido. Eu não conhecia o que eu poderia alcançar além disso. É tipo, se eu morrer agora, eu estou feliz e eu fiquei realmente desorientado. Assim, porque foi o máximo da minha realidade.

Samara Costa: A realização de um objetivo central abre uma pergunta inevitável: o que vem depois? A partir daí, ele começa a reposicionar esse horizonte. Olhar pra fora, imaginar outros circuitos, outros países, outros tipos de acesso.

E esse movimento revela uma questão maior. Quando faltam referências, faltam também possibilidades de imaginar. O limite não é só de oportunidade, é de repertório. E, sem repertório, até o sonho encolhe.

Mas com o tempo, isso se expande. Novas referências entram, novos caminhos aparecem... E aquilo que antes parecia um ponto final, a grande chegada, muda. Vira etapa. Parte de um percurso que continua abrindo. Para Lucas, para o Léo... E para outros grandes artistas de Caxias e da Baixada.

Porque Duque de Caxias é território de gente boa. Lugar onde muita coisa começa sem garantia, mas não sem força. Quem vive lá aprende cedo a inventar caminho. E talvez por isso, a arte que nasce ali raramente é superficial. Ela vem carregada de vida, de urgência e de verdade.

Caxias é berço e passagem de nomes que ajudaram, e ajudam, a construir a cultura brasileira. Como Zeca Pagodinho, Ludmilla, MC Marcinho, Dudu Nobre e Buchecha. Gente que nasceu e levou um pedaço de Caxias pro mundo.

Samara Costa: Essa foi a nossa primeira parada em Duque de Caxias. Mas ainda tem mais pela frente. No próximo episódio, a gente entra no corre pra entender o que sustenta, no dia a dia, quem cria por Caxias. Se você quiser ver os bastidores, acompanhar de perto o trabalho e conhecer melhor o Leandro e o Lucas, é só colar no Instagram: @firjansesicultura. A conversa não acaba aqui. Ela continua por lá. E a gente se encontra no próximo episódio. Tchau!

O podcast Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e Arte da Firjan Sesi. A realização é também da Firjan Sesi e a produção é da Gandaia.